

Passé Livre Já: participação política e constituição do sujeito

Free Pass Now:
political participation and constitution of the subject

Pase Libre yá:
participación política y constitución del sujeto

Marcela de Andrade Gomes*
marceladeandradegomes@gmail.com
Kátia Maheirie**
maheirie@gmail.com

Resumo

Este artigo, fruto de uma dissertação de mestrado, busca analisar de que forma a participação política no Movimento Passe Livre de Florianópolis media a constituição dos sujeitos militantes, identificada nos sentidos que atribuem ao movimento que, por sua vez, é constituído por estes sujeitos. Com a finalidade de analisarmos os processos de significação em torno desta militância, utilizamos a entrevista aberta, com um roteiro norteador, que foram realizadas individualmente com cinco militantes. A análise desta pesquisa apontou os mediadores significativos na construção do interesse pela participação política; demonstrou que o estilo da militância, marcada pelas características dos novos movimentos sociais, foi significado como atrativo para a participação política; por fim, notamos que a militância no Movimento do Passe Livre possibilita novas formas de se relacionar com o outro e consigo mesmo.

Palavras-chave

Participação política, Movimentos sociais, Constituição do sujeito, Psicologia dos movimentos sociais, Ação política.

Abstract

This article that results from a dissertation, seeks to analyze how political participation in the Florianópolis Free Pass Movement construe the formation of subjects, identified in the meanings they attribute to the movement which, in turn, is constituted by

* Professora da Faculdade de Ciências Sociais de Florianópolis, Florianópolis, SC, Brasil; graduada, mestre e doutoranda do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.

** Docente do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.

Gomes, Marcela de Andrade, & Maheirie, Kátia. (2011). Passe Livre Já: participação política e constituição do sujeito. *Psicologia Política*, 11(22), 359-375.

these subjects. In order to analyze the processes of meaning around this militancy, unstructured interviews were used, with a guiding script, which were held individually with five militants. The analysis of this study indicated significant mediators in the construction of interest in political participation, showed that the style of activism, marked by the characteristics of new social movements, was meant to appeal to political participation, and finally, we noted that the militants of the Free Pass Movement allowed the subject to build new ways to relate with others and with himself.

Keywords

Political participation, Social movements, Constitution of the subject, Psychology of social movements, Political action.

Resumen

Este artículo, fruto de una tesis de maestría, busca analizar de qué manera la participación política en el Movimiento Pase Libre de Florianópolis hace la mediación de la constitución de los sujetos militantes, identificada en los sentidos que atribuyen al movimiento que, a su vez, está constituido por estos sujetos. Con la finalidad de hacer el análisis de los procesos de significación en torno de esta militancia, utilizamos la entrevista abierta que fueran realizadas individualmente con cinco militantes. El análisis de esta investigación mostró los mediadores significativos en la construcción del interés por la participación política; mostró que el estilo de la militancia, marcada por las características de los nuevos movimientos sociales, fue significativo como atractivo para la participación política; finalmente, notamos que la militancia en el Movimiento del Pase Libre posibilita nuevas formas de relacionarse con el otro y consigo mismo.

Palabras clave

Participación política, Movimientos sociales, Subjetividad, Psicología de los movimientos sociales, Acción política.

Introdução

Este artigo, fruto de uma pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, busca analisar a participação política de jovens no Movimento Passe Livre (MPL) de Florianópolis. Este se caracteriza por um movimento social que tem como principal pauta de reivindicação a municipalização do transporte coletivo, ou seja, a garantia da gratuidade da tarifa de ônibus para toda a população. Este movimento iniciou em 2000 com algumas ações coletivas e foi, ao longo dos anos, se organizando e se estruturando nos moldes do que hoje chamamos de movimento social. A partir do olhar deste grupo, a percepção da tarifa de ônibus é ampliada na medida em que deixa de ser apenas um pagamento que o usuário realiza para poder usufruir o transporte coletivo, e passa a ser concebida como um instrumento que participa do processo de inclusão/exclusão da circulação dos sujeitos no espaço público. Neste sentido, o MPL torna a catraca do ônibus como o símbolo da segregação e injustiça que as camadas populares sofrem em seu cotidiano. Atualmente, as pautas de reivindicação foram ampliadas e o MPL luta por uma série de fatores que estão relacionados com a mobilidade urbana, tais como, a coletivização do transporte, preservação do meio ambiente, tarifa zero para a população, construção de ciclovias etc.

Com base, fundamentalmente, na psicologia de Lev S. Vygotsky, na interlocução com autores de diversas áreas e perspectivas teóricas, visando ampliar a inteligibilidade de nosso objeto, pretendemos analisar de que forma a participação política no Movimento Passe Livre media a constituição dos sujeitos militantes, identificada nos sentidos que atribuem ao movimento, por sua vez, constituído pelos sujeitos.

A participação política no Movimento do Passe Livre será concebida como uma prática na qual o sujeito se direciona para a dimensão das questões políticas, envolvendo aspectos subjetivos, sociais, históricos, econômicos e culturais, constitutivos e constituintes de sua história singular e coletiva, que mobilizam o sujeito em direção a uma luta coletiva. Neste sentido, de forma sintética, podemos definir nossa concepção de movimento social enquanto: “sínteses dialéticas inacabadas entre subjetividades e objetividades. Neste sentido, envolvem tantos aspectos macroestruturais histórico-político-econômicos, quanto aspectos microestruturais como relações intergrupais, interpessoais, consciência, linguagem, emoções e identidade” (Maheirie, 1997:164).

A escolha desta concepção de movimento social justifica-se pela confluência à perspectiva teórica utilizada para conceber os sujeitos desta pesquisa, assim como suas práticas e seus contextos. Analisar a participação em um movimento social sob esta perspectiva, a qual compreende o sujeito enquanto a(u)tor de sua história individual e coletiva, pode contribuir na construção de um olhar crítico frente a este fenômeno, superando visões “sociologizantes” ou “psicologizantes”, e as tradicionais dicotomias entre sujeito/sociedade, singular/coletivo e entre o pensar, agir e sentir.

As pesquisas sob estas perspectivas, segundo Sandoval (1997), propunham que os grupos mediatizam os indivíduos, na medida em que as pessoas são inibidas de serem mais criativas e arrojadas, conformando-se ao consenso médio do grupo. Conforme este autor, “enquanto a Sociologia postulava a sociedade acima do indivíduo, a Psicologia Social encarava o coletivo com suspeita, uma vez que este subvertia as melhores qualidades do indivíduo” (Sandoval, 1997:14).

A psicologia política vem, cada vez mais, defendendo a definição de política para além daquilo que tradicionalmente fora compreendido em relação a este objeto de estudo, ou seja, a política institucionalizada.

Tendo em vista que na contemporaneidade as práticas de se fazer política tem se revelado cada vez mais diversas e heterogêneas, a utilização da concepção clássica de política não contempla as diversas práticas recorrentes na arena política dos tempos atuais. Conforme Menezes & Castro (2006), há no tecido social contemporâneo uma pluralidade de manifestações não convencionais de práticas políticas que demandam uma reformulação sobre a concepção do que seria o espaço político.

A visão do espaço político enquanto os deveres e direitos formais – como o direito de votar e ser votado –, é ampliada por Menezes e Castro (2006), não por desconsiderarem a importância desta prática política formal, mas por defenderem que para conseguirmos pensar e atuar de forma política na atual formatação do laço social, heterogêneo, conflituoso e contraditório, surge a necessidade de ampliar esta definição. No caso, as autoras ressaltam que há:

outras formas de participação nos destinos da sociedade, de como podem influir na construção da ordem coletiva, para além de interesses pessoais e individuais. Sublinhar ainda um sentido de político que tem a ver com a localização das diferenças (que existem, mas que não deveriam existir) e do diferente (a irredutibilidade de cada um assegurada pela ação, discurso e exercício da crítica). (Menezes & Castro, 2006:31)

A expansão da definição do político também é defendida por Prado (2002) em decorrência ao que o autor denominou de “(re)emergência da Psicologia Social”. Esta (re)emergência caracteriza-se por uma nova forma epistemológica da psicologia social se inserir no debate das ações coletivas, práticas políticas e movimentos sociais. Conforme o autor, a psicologia insere uma nova lógica de compreensão para superar os modelos sociológicos estáticos.

Neste sentido, o MPL é compreendido como um grupo político que, conforme Prado (2002), além de possuir uma identidade coletiva e a unificação dos sujeitos em torno de um objetivo em comum, esbarra na questão dos direitos sociais, antagonizando as relações sociais pela/na cidade de Florianópolis, em busca de concretizar direitos materiais e simbólicos para a sociedade civil, em especial, as subalternidades.

Método

Por concebermos que o sujeito se constitui e é constituído semioticamente, por meio de suas relações com os outros em um determinado contexto histórico-cultural, o método deste estudo busca contemplar a mediação da participação política no Movimento Passe Livre na constituição do sujeito. Nosso olhar busca deslizar sobre as mediações deste sujeito que se engajou no Movimento Passe Livre e que, por meio desta participação política, inaugurou novas formas do seu dever, construindo novos significados para sua existência, para suas relações com o outro e consigo mesmo.

Tendo em vista o nosso objetivo de analisar de que forma a participação política no Movimento Passe Livre media a constituição do sujeito, escolhemos dois procedimentos metodológicos para investigarmos os sentidos que estes sujeitos atribuem a esta militância: a entrevista individual-aberta e a observação participante. Estes procedimentos foram

acompanhados por dois recursos que auxiliaram a compreensão da história do MPL, um levantamento documental, e a utilização de imagens – fotografias do MPL produzidas por uma entrevistada – visando aprofundar o diálogo no momento da entrevista.

Utilizamos a observação participante, acompanhada do diário de campo, como um caminho metodológico para visualizar as práticas, singulares e coletivas, dos militantes do Movimento Passe Livre. Conforme Spink (2007), a observação participante é uma importante ferramenta metodológica quando se busca investigar o cotidiano de algum contexto específico, ressaltando a necessidade de se pesquisar *no* cotidiano. De acordo com a autora, este instrumento metodológico “rompe com os preceitos da ‘epistemologia da distância’ que tudo faz para preservar a neutralidade do observador [...] rompe, assim, com a ilusão do registro neutro.” (Spink, 2007:11).

Neste estudo, além de ter possibilitado que a pesquisadora experienciasse as práticas do Movimento Passe Livre, a observação participante permitiu a contextualização dos sentidos emitidos no momento da entrevista, complexificando a escuta das falas dos entrevistados e, em muitos momentos, se fez fundamental para a compreensão das mesmas. Portanto, a observação participante aprimorou a escuta das entrevistas, possibilitando remeter os enunciados às dimensões não explícitas do discurso.

Realizamos a entrevista com cinco militantes do movimento que se disponibilizaram a participar da investigação. A pesquisadora participou das atividades do movimento – reuniões, manifestações, seminários, exibição de filmes, oficinas, encontros – durante um ano e meio e, então, pode estabelecer um vínculo com os militantes que permitiu a realização das entrevistas. O convite para a entrevista foi pronunciado em uma reunião e enviado para a lista *online* do grupo. Três militantes retornaram o convite demonstrando interesse em contribuir com o estudo; dois militantes foram procurados pela pesquisadora no decorrer da observação participante. Estes últimos foram selecionados por demonstrarem uma participação política bastante ativa no movimento.

Em síntese, utilizamos as entrevistas abertas como uma forma de nos aproximarmos das falas singulares, buscando os sentidos produzidos em torno da participação política no Movimento Passe Livre; o levantamento documental para investigarmos as falas coletivas produzidas nos meios de comunicação, internos e externos a este movimento social, de forma a contextualizar os discursos dos sujeitos entrevistados; a observação participante para visualizar e experienciar as práticas, singulares e coletivas, deste grupo. Nosso propósito foi buscar caminhos metodológicos que visam superar a dicotomia entre singular/coletivo, e que se direcionam para a contextualização do sujeito, produzindo análises psicossociais que se constituem na relação dialógica entre participação política e sujeito militante.

A técnica utilizada para o tratamento dos dados foi a análise de conteúdo, concebida por Franco (1994) como uma técnica para compor o método analítico que auxilia na busca do sentido, ou seja, pressupõe as dimensões do texto, subtexto e contexto, tornando-se pertinente com a proposta teórica deste estudo. Este tipo de análise é necessária para um estudo que se ancora em uma “abordagem metodológica crítica e epistemologicamente apoiada numa concepção de ciência que reconhece o papel ativo do sujeito na produção do conhecimento” (Franco, 1994:164). De acordo com esta autora, esta técnica pressupõe a elaboração de categorias temáticas que são elaboradas *a posteriori*, isto é, o discurso coletado é que será norteador na construção das categorias de análise. Após a leitura das entrevistas, construímos as seguintes categorias de sentidos: mediadores da(na) formação política; relações

socioafetivas no MPL; novas formas de (se) fazer (por meio da) política; relações ético-estéticas e participação política. Neste artigo, relataremos as análises feitas em relação às duas primeiras categorias¹.

Discussão dos Resultados

Mediadores na/da Formação Política

Para compreendermos os processos constituintes da participação política dos sujeitos entrevistados, é necessário olhar para as mediações vivenciadas e significadas por estes militantes como importantes na construção deste sujeito que, de alguma forma, se interessou por uma atividade política. A partir do nosso enfoque teórico de uma Psicologia Sócio-Histórica, as mediações vivenciadas ao longo da história do sujeito recebem atenção especial, pois é por meio delas que os sujeitos criam significações que desembocarão em suas práticas, permeadas pelos pensamentos e afetos. Estas mediações, como afirma Vygotsky (1992), se caracterizam por sínteses dialéticas² das relações que o sujeito vivencia com os outros e seu contexto histórico.

O contexto familiar foi significado como um espaço importante na construção do interesse em práticas políticas por Bianca e Letícia³. Ambas relatam que as discussões e práticas políticas eram recorrentes em suas famílias.

Uma parte da família sempre foi fundadora do PT, participava do MST, fazia ocupações, já tive um tio que foi candidato a vereador, todos participavam do sindicato dos trabalhadores rurais, são do campo, né?... aí faziam umas lutas por lá e agora não estão tão engajados, mas tem uma consciência política assim, acho que isso foi deles também né, que eu aprendi e tal... tinha um histórico na família assim, de luta e tal. (Bianca)

Ah, eu lembro que nessas épocas de eleição meus pais, eram bem petistas, aí eu gostava de vestir a camisa do Lula, sair na rua, Porque na Barra da Lagoa, onde eu morava, é um lugar assim bem conservador, aí a gente saía bem pra provocar mesmo né, com a camisa do Lula, a bandeira do PT, eu gostava de ficar ali naquele burburinho... e não só em épocas de eleição assim, sempre tinha, meu tio, minha tia iam em casa e sempre tinham essas conversas. Meus pais são novos, eles não viveram o período de militância durante a ditadura, mas meus tios sim, sempre conversavam, sempre debatiam política. (Letícia)

Ao serem questionadas sobre as origens do interesse por práticas políticas, as militantes Bianca e Letícia remetem ao histórico familiar, trazendo à tona lembranças de um passado que deixou marcas na atual mobilização política realizada por ambas. As vivências, lembranças e pessoas do contexto familiar tornaram-se mediadores, significados como

¹ A análise da categoria “relações ético-estéticas e participação política” está disponível no livro “Diálogos em Psicologia Social e Arte” (Gomes, 2010).

² A concepção dialética utilizada neste artigo se caracteriza por ser aberta e inacabada, marcando a transformação, e não a resolução, das relações contraditórias, ou seja, trata-se de uma perspectiva que critica a dialética com síntese acabada.

³ Todos os nomes utilizados neste artigo são fictícios para garantir o anonimato dos participantes.

fundamentais na construção de interesses, escolhas, vontades, desejos, ou seja, da base afetivo-volitiva relacionada à participação política, que norteia a criação dos sentidos existenciais, que se concretizam nas práticas e na constituição destas militantes.

A base afetivo-volitiva é enaltecida por Vygotsky (1992) na construção do pensamento e na produção de sentidos, pois de acordo com o autor: “El pensamiento no nace de sí mismo ni de otros pensamiento, sino de la esfera motivacional de nuestra conciencia, que abarca nuestras inclinaciones y nuestras necesidades, nuestros intereses e impulsos, nuestros afectos y emociones” (p. 342). Portanto, a afetividade é uma dimensão central na apropriação dos significados constituintes e constitutivos das/pelas experiências do sujeito, recebendo lugar de destaque nos processos de criação dos sentidos existenciais do porvir de cada ser humano. O autor esboça uma metáfora na qual o pensamento é representado por uma chuva que arremessa palavras, enquanto que, a base afetivo-volitiva é o vento que movimenta estas nuvens, logo, o motor deste processo.

Por meio de outra forma de significação, Tiago aponta a família como um espaço onde não se “*tem uma consciência política*”, e que a participação no Movimento Passe Livre trouxe novas possibilidades de analisar a sociedade, que “*em minha formação, vindo do interior e filho de militar, não permitiria*” (Tiago). Mas permitiu, pois Tiago significou esse vazio político que vivenciava dentro de casa, em um propulsor das suas buscas por formação política na esfera pública, já que discordava dos significados políticos compartilhados por seus pais.

A superação da dicotomia individual/social, assim como estabilidade/transformação é destacada por Jacques (2007) ao sugerir, não apenas aquilo que se refere ao idêntico, mas também ao diferente na construção de uma identidade. Conforme a autora:

Pluralidade que, paradoxalmente, implica também em unicidade pois o indivíduo vai se igualando por totalidades conforme os vários grupos em que se insere... sem pressupor homogeneização: ao mesmo tempo que o indivíduo se representa semelhante ao outro a partir de sua pertença a grupos e/ou categorias, percebe sua unicidade a partir de sua diferença. Essa diferença é essencial para a tomada de consciência de si e é inerente à própria vida social, pois a diferença só aparece tomando como referência o outro. (Jacques, 2007:164)

Por meio da identificação pela diferença, Tiago escolhe um caminho que não compartilha com a postura política de seus pais, buscando alternativas de significação para as compreensões dos fenômenos sociais e políticos.

A partir da compreensão contemporânea de identidade, revisada pela categoria de constituição do sujeito, Maheirie (2002) aponta a necessidade de conceber a constituição do sujeito pelo movimento inacabado de contradições, que se conduz pela dialética subjetivação-objetivação.

Sendo assim, podemos compreender que Tiago subjetiva a postura política de seus pais como aquilo que não quer, objetiva em sua fala, e busca novas formas de subjetivação por meio do MPL, que se objetiva na sua participação política neste movimento social.

Tiago e Jucenir apontam o espaço educacional como importantes mediadores na formação política: o primeiro apresenta dificuldades em colocar em palavras “*de onde veio essa coisa*”, isto é, o interesse pelas questões políticas. Porém, aponta um professor do cursinho que em suas aulas provocava “*sentimentos de contradições e deslumbamentos*”, os quais

possibilitavam que Tiago ficasse com uma sensação “*de que algo errado acontecia no mundo e eu tinha que fazer alguma coisa para mudar*”. O segundo militante significa o universo acadêmico da faculdade como um importante mediador de sua motivação pela política, aponta os livros, teorias e o movimentos sociais, principalmente, o *hippie* e estudantil da década de 60, experienciados em uma Faculdade particular de São Paulo. Jucenir alia a classe social de sua família ao espaço da faculdade como mediadores que ofereceram oportunidades subjetivas (discursos na Academia e na família) e objetivas (tempo e dinheiro) para sustentar seu interesse pelas práticas políticas. As práticas políticas são contextualizadas por Jucenir:

Desde os 14, 15 anos é começar assumir uma postura crítica em relação ao mundo. A começar pela minha casa, da família pequena burguesa, meu pai era um pequeno proprietário, dono de uma loja, na qual eu tinha que estudar, pai patrão, tudo isso [...] foi através da leitura sabe, comecei a ler, os livros começaram mostrar o lado crítico que eu poderia adotar em relação as coisas [...] tinha um pai pequeno burguês que podia me sustentar. Então eu tive um período aí que eu pude estudar bastante, ler muito, me formar como professor [...].então foi mais ou menos aí né, na década de 60, os movimentos revolucionários acontecendo na América Latina, na Europa, nos EUA [...] a guerra do Vietnã, as mobilizações contra a guerra... Tinha aquelas tragédias humanitárias, como tem agora, Bangladesh, genocídio, Paquistão, aquelas fotos de crianças anêmicas [...] Então tudo isso fez com que eu criasse uma profunda aversão no modo de vida capitalista. (Jucenir)

A partir da fala de Jucenir, podemos compreender o elo subjetivo e objetivo que sustenta a produção dos sentidos na dialética da história singular e coletiva do sujeito (Vygotsky 1991, 1992, 2004). A condição econômica, a possibilidade de leituras e os acontecimentos históricos foram mediadores significativos para sua atual mobilização política, constituindo suas condições concretas de possibilidades de existência. Sabemos que, ao lado das condições objetivas, há os aspectos subjetivos que mobilizam o sujeito para determinadas práticas, neste caso, na inserção em atividades e leituras políticas. Podemos notar que a base afetivo-volitiva de Jucenir, foi se nutrindo por meio das tragédias humanitárias, do sofrimento de outras pessoas, que de alguma forma, afetaram Jucenir, que se apropriou destas histórias coletivas tornando-as próprias, realizando escolhas para sua vida singular, como por exemplo, optar pelo curso de História na universidade e se tornar professor.

Relações Socioafetivas no Movimento Passe Livre

Analisar um movimento social ou formas de participação política, demanda olhares para a rede de subjetividades que se (re)criam, em movimentos de subjetivação e objetivação, por meio deste espaço que se configura para além das relações político-tradicionais, na medida em que é perpassado pelas relações sócio-afetivas que compõem este cenário.

A palavra participação tem origem no latim e vem de *participatio*, *participacionis*, *participatum*, que significam “tomar parte em”, de acordo com Avelar e Cintra (2004), no sentido de compartilhar, associar-se pelo sentimento ou pensamento:

Esse sentimento é um dos alicerces da organização, cuja riqueza está na vivência de sentimentos comuns que se prolongam na consolidação de objetivos coletivos. No grupo são ampliados os contatos sociais, as amizades, as referências pessoais, que encorajam as

pretensões individuais relativas ao desejo de fazer parte da formação da vontade pública.
(p. 6)

Pautamos-nos na visão destes autores os quais significam a participação política como uma prática que transcende as fronteiras das questões políticas propriamente ditas e, também, na concepção de Sawaia (1994, 1995, 1997, 2006), na qual participar politicamente significa envolver-se afetivamente, pois, “afeto, emoção e necessidade são questões sociais e políticas tanto quanto poder e movimentos sociais são questões subjetivas” (Sawaia, 1994:152).

A autora compreende esta prática constituída, também, por componentes subjetivos, tornando o movimento social um espaço de amizades, conflitos, trocas, (des)encontros, (des)construções, aprendizagens, avanços, retrocessos., ou seja, um lugar mediador de práticas de significação constituintes e constituídas pelos militantes, que se (re)criam na complexidade destes processos.

A ambiguidade e contradição marcaram os processos de significações em torno das relações sócio-afetivas experienciadas entre os militantes e com o próprio movimento. Para alguns sujeitos entrevistados, os laços afetivos e amizades se tornaram um dos maiores atrativos para a participação política. Para outros, há momentos em que as amizades enriquecem o movimento e a si mesmo, como também, por outro lado, podem vir a ser um empecilho para a organicidade do movimento e para o interesse em participar do grupo. Há também aqueles que apontaram o risco do movimento se fechar em si mesmo, por ser demasiadamente coeso, via as relações sócio-afetivas, e não permitir ou acolher a entrada de novos integrantes.

A inserção no Movimento Passe Livre, assim como a apropriação do universo simbólico compartilhado pelo movimento, foram significadas como penosas para Tiago por, dentre outros motivos, o grupo ser caracterizado por um grupo de amizades e ser marcado por fortes elos afetivos e ideológicos:

eu no começo fiquei assustado de ver como é difícil tu assimilar uma questão que é mais madura ... todo mundo já sabe do que tá falando, falou numa palavra “X” já sabe tudo que tem por trás, já tem um valor bem mais forte do que pra quem nunca teve contato com um movimento social... ainda mais porque muitos deles já se conheciam de outros espaços políticos, compartilhavam mesma ideologia... eu cheguei de pára-quebras de São Miguel D’Oeste... é bem lento assim, é que nem você entrar numa roda de amigos, numa roda nova... no movimento é a mesma coisa, só que bem mais complicado né, porque mexe com política, tem discussão, tem que ler e demora até começar. (Tiago)

Tiago foi o único entrevistado que entrou no movimento sem ter uma pessoa que o apresentasse ou o inserisse no grupo. Ele era de outra cidade, não estudava nas escolas onde já ocorriam os debates e mobilizações sobre transporte, não tinha amigos no movimento, não participava de outra organização ou entidade em Florianópolis, não participava de outro Movimento Passe Livre (como é o caso de Antônio, outro sujeito que militava no Passe Livre de Brasília), ou seja, sua inserção não contou com facilitadores para que pudesse se integrar ao grupo do Passe Livre. Desta forma, ele significou sua entrada como algo lento, demorado, tanto pelas (não) amizades, quanto pelo não compartilhamento simbólico do grupo.

Ao falar de sua inserção no Movimento Passe Livre, Bianca significa a participação política vinculada a uma atividade prazerosa, mediada pelas pessoas e os encontros com o movimento:

A minha tia trabalhava na secretaria estadual do PT, e era no centro e eu tava procurando emprego [...] ela conhecia algumas pessoas do movimento daquela época né, era uma coisa que tava acontecendo na cidade assim, uma coisa muito nova, e daí teve um dia que eu tava indo embora assim, foi muito engraçado, o pessoal coletando assinaturas, e a gente foi. Aí eu, 'vou pra manifestação, é aqui que eu quero ficar!' [...] foi bem, bem legal, aí depois disso, a gente saiu da manifestação e foi pra um bar [...] e a minha tia tava junto, e conhecia o pessoal, aí a gente se apresentou, tudo tranquilo e a gente começou a conversar [...] E daí assim, como tava sempre pelo centro, sempre encontrava as pessoas e aí a gente foi se aproximando, 'e aí, hoje vai ter reunião, aparece lá' [...] É uma coisa que rola inda, é assim que rola sabe [...] tipo, não é uma captação, passa uma ficha, não. As pessoas vão se aproximando, vão conseguindo conversar e tal, vão se interessando, vão aparecendo assim. (Bianca)

A partir da fala de Bianca, podemos remeter suas significações relacionadas a sentimentos de bem-estar e satisfação em estar ali naquele grupo. Conforme Espinoza (1632-1677), o ser humano é corpo e alma, sendo dimensões inexoravelmente relacionadas e constituintes entre si; o corpo é relacional, se faz por meio da intercorporeidade, isto é, nas relações vivenciadas com os outros nas quais constituem a alma (Chauí, 1995). Neste sentido, toda experiência é corporal e psíquica e significada por meio da afetividade. Em outras palavras, as afecções do mundo são sentidas pelo sujeito que subjetiva e objetiva o/no contexto por meio de sua afetividade (Sawaia, 1995, 1999, 2006). Alguns sentimentos expandem ou deprimem o *conatus* do ser humano, compreendido por Espinoza como uma força para existir e agir na vida. Os encontros que mediam a alegria expande o *conatus* do sujeito, mobilizando-o para ação, fazendo-se sentir mais potente para pensar e agir no mundo (Chauí, 1995). Podemos caracterizar a inserção de Bianca no Passe Livre como um bom encontro espinoziano, na medida em que ela foi afetada por um sentimento que pode ser denominado de alegria, expandindo sua vontade de pensar e agir no mundo por meio desta militância, pois foi, cada vez mais, se mobilizando e buscando participar no movimento.

Podemos perceber que os caminhos de significações de Bianca diferem daqueles transcorridos por Tiago, enquanto que para ela a inserção no movimento foi “*tranquila*”, “*fluida*”, para Tiago foi significada como difícil, algo que ele teve se esforçar, investir neste processo de inserção grupal.

Ao serem questionados sobre os aspectos que os motivaram para a militância no Movimento Passe Livre, as amigas foram significadas como um dos maiores atrativos para a participação no movimento pelos militantes Jucenir, Bianca e Letícia. A partir das falas destes sujeitos, percebemos que além do envolvimento político, há uma relação afetiva com o movimento, manifestada nas relações de amigas entre os militantes. As relações sócio-afetivas mostram-se como uma dimensão importante na produção de sentidos em torno da participação política no Passe Livre:

Acho que o crescimento político, e várias amigas que você faz, pessoas que você confia, pessoas que você tem como referência... As vezes quando eu preciso tomar uma decisão política, eu falo com as pessoas do Passe Livre que são muito importantes pra mim, ou 'e aí, tô com esse problema', sabe, acho que existe muito isso dentro do Passe Livre, tipo, te procuram pra discutir algumas coisas, pessoais, dúvidas, coisas morais, acho que tem isso, acho que encontrei, além de uma oportunidade política de militar, de crescer, de intervir, de falar em público e não sei o quê, grandes amigas. (Bianca)

São várias coisas que me pegaram, primeiro o encanto com a juventude que tava alienadona, não tinha nenhum movimento. Segundo o interesse pra aula mesmo, muito importante e essa coisa da organização deles, então passou tudo meio por aí. Então, eles (alunos) vinham e falavam “vamos invadir a câmara dos vereadores”, eu dizia, “pode deixar, eu vou junto”, passei duas noites lá, acordava de manhã e vinha dar aula. Coisas que pra mim foram fantásticas! Imagina eu com meus alunos fazendo esse tipo de coisa, tomando o poder da casa, discutindo na madrugada, aquela coisa, show, passeatas na chuva... e eu fiz grandes amigos, não só o Murilo e a Letícia, muita gente do Passe Livre que eu fiquei amigo. Então acho que é uma relação assim muito forte que acabei estabelecendo com meus alunos. (Jucenir)

Por considerarmos que o sujeito se relaciona por meio de suas significações, concretizadas em suas práticas, sendo estes processos enlaçados pela afetividade, pensamos que esta prática política está sendo construída, em grande parte, pelos processos afetivos vivenciados com os outros presentes neste movimento, fortalecendo os vínculos subjetivos entre os militantes, que são constituídos pelas suas histórias singulares e coletivas que se entrecruzam por meio do Movimento Passe Livre.

A afetividade não se caracteriza por algo natural ou instintivo (Sawaia, 1997), ela é construída por meio das relações sociais do sujeito, ou seja, “o sentimento não se torna social mas, ao contrário, torna-se pessoal [...] converte-se em pessoal sem com isto deixar de ser social” (Vygotsky, 2001:315). Os processos afetivos se fazem em relação ao outro, na medida em que o sujeito se apropria afetivamente de suas relações e experiências. Dessa forma, o Movimento Passe Livre se caracteriza por um lugar onde os sujeitos se encontram, se relacionam e constroem seus processos afetivos, marcando a inexorável relação entre a participação política e a afetividade.

Quando perguntamos qual tipo de relação que vivencia com o Movimento Passe Livre, Letícia fala de uma relação afetiva com alguns militantes deste coletivo, contando que se tornou bastante amiga de pessoas por meio desta militância e que, hoje, estas amizades vão para além das atividades e encontros do movimento. Também fala do seu namorado (Murilo) que também é militante: “*Todas pessoas que agora são minhas amigas, inclusive o Murilo, a gente começou a se conhecer ali.*” (Letícia).

Além da relação afetiva com os integrantes do movimento, Letícia também aponta para uma relação afetiva com a própria história do movimento, em que ela se sente ativa e autora, ao mesmo tempo em que se enxerga nesta criação:

tem um lugar assim, não é uma coisa burocrática, que eu faço por obrigação, eu também tenho um afeto, sentimentos com a história do movimento, com aquilo que eu ajudei a construir, e também da própria luta, eu sempre gosto de ver, ‘ai, tem gente nova entrando’, acho legal quando fazem uma coisa nova [...] eu fico bem contente quando eu vejo que outras pessoas também tão entrando com outras ideias... É tanto com as pessoas que são minhas amigas também, não é só o passe livre, vai além, eu faço outras coisas com as pessoas do Passe Livre que vão além da luta, mas também um sentimento com o próprio movimento, com a pessoa jurídica do movimento, com a coisa que foi construída, principalmente quando vejo algumas coisas assim que eu fico feliz, quando vê um filme que fala, tem um documentário, quando alguém tá fazendo uma pesquisa sobre o movimento, vê que alguma coisa que depois que eu morrer, não sobrar nada de

mim, alguma coisa eu ajudei a fazer, que outras pessoas estão dando continuidade, é este o sentimento. (Letícia)

O movimento de subjetivação-objetivação conceituado por Sartre (1987), nos ajuda olhar para os sentidos construídos por Letícia sobre a história do movimento. O sujeito para Sartre é subjetividade e objetividade, ou seja, é a síntese dialética dos afetos, pensamentos, significações, projetos e a concretização dos mesmos na realidade. Ele é visto sempre em relação a algo, em um constante movimento de devir, transcendendo a realidade objetiva, por meio de suas significações produzidas nas relações dialéticas entre subjetivação-objetivação. Ao subjetivar o contexto em que vive, o sujeito se objetiva no mesmo, construindo uma nova subjetivação que também se objetiva e, assim, incessantemente ao longo de sua existência. Portanto, a cada movimento de subjetivação e objetivação, o sujeito se (re)faz, (re)fazendo sua história singular e coletiva:

É superando o dado em direção ao campo dos possíveis e realizando uma possibilidade entre todas que o indivíduo se objetiva e contribui para fazer a História: seu projeto toma, então, uma realidade que o agente talvez ignore e que, pelos conflitos que ela manifesta e engendra, influencia o curso dos acontecimentos. (Sartre, 1987:153)

O Movimento Passe Livre é significado por Letícia como uma objetivação de suas vontades, desejos, interesses, buscas, escolhas, em uma postura afetivo-reflexiva em que, ao se objetivar, ela se enxerga nesta obra objetivada, subjetivando de uma nova forma, construindo novos sentidos e possibilidades de existência. Além disso, sente-se feliz por perceber que o movimento é uma objetivação que circula para além dela, participando da vida de outras pessoas, transformando sujeitos e contextos, carregando significados, levando ao mundo sua criação e a si mesma. De acordo com Maheirie (2003:153), a criação de algo “dialética a relação objetividade-subjetividade na medida em que possibilita aos sujeitos produzirem constantemente novas significações, construindo, desconstruindo e reconstruindo sentidos singulares e coletivos em contextos concretos”, tanto para o autor/criador, quanto para os sujeitos que, de alguma forma, entrará em contato com a produção criada.

Podemos pensar que, para Letícia, ver o movimento circular no mundo, é como se um pedaço dela acompanhasse o movimento, possibilitando o compartilhamento e a continuidade de algo que é sua criação, uma extensão de sua subjetividade objetivada em uma atividade política, que circula provocando novos sentidos em si, nos outros e nos contextos por onde passa. Neste caso, não se trata de uma realidade ignorada pelo agente, pois muitas vezes, conforme Sartre (1987), a história nos escapa, mas isso não decorre do fato de que não a fazemos, mas por não nos apropriarmos da condição de autor das nossas objetivações que circulam pelo mundo. Assim, vamos desconstruindo significados hegemônicos, criando novos sentidos, realidades e sujeitos, na medida em que os outros também subjetivam e objetivam, transcendendo nossa possibilidade de apreensão de todo processo.

Podemos notar, também, que os processos de significações em torno da rede de relações sócio-afetivas são marcados por contradições de sentimentos e pensamentos, como nos aponta Bianca:

Isso quase três anos, todo sábado, todo sábado, todo sábado! Então assim, acaba virando um grupo de amigos, e às vezes isso é bom e às vezes você vê que é ruim. Porque às vezes você não consegue fazer a discussão que precisa ser feita, por exemplo, fazer

avaliação, não é porque é amigo que a gente não vai avaliar, mas assim, os que são mais amigos, né? fica meio complicado [...] Acho que não é só ali, acho que em todos os lugares, mas acaba configurando como isso, é muito um grupo de amigos, tá junto o tempo inteiro!(risos). Então assim, tem que ter todos esses melindres, daí as pessoas que têm mais experiência, tem que tá sempre tentando mediar [...] é uma coisa bem interessante, uma experiência bem legal, mas ao mesmo tempo, às vezes enche o saco, tipo, “ai, não quero fazer nada”, porque é muito uma casa sabe, muito tua família, todo sábado e tal. (Bianca)⁴

Percebemos que os sentidos produzidos por Bianca, em relação aos vínculos sócio-afetivos no Movimento Passe Livre, tendem para uma apropriação do movimento como uma “família”, já que se encontram há sete anos, semanalmente: “*vejo mais o coletivo do que minha própria família*” (Bianca), exigindo um “*jogo de cintura para as amizades não atrapalharem as discussões políticas*” (Bianca). Bianca sente-se, em alguns momentos, cansada, enquanto que em outros momentos, o coletivo torna-se uma referência e uma rede de apoio. Ainda, em outros momentos, o grupo que pode se configurar como um julgamento do sujeito:

Aí rola uma coisa pessoal e todo mundo sabe, daí aquilo às vezes te aflige, às vezes aquilo é bom porque é um apoio, às vezes você tá precisando de uma coisa, tá todo o coletivo ali pra amparar, mas também tá todo o coletivo pra julgar, então essa dificuldade de trabalhar no coletivo. (Bianca)

Esta fala de Bianca nos auxilia a penetrar na intimidade deste movimento social, revelando a importância das relações intersubjetivas na mediação de (im)possibilidades de práticas no interior do movimento. A necessidade de se analisar as relações entre os sujeitos em um movimento social é destacada por Sawaia (1997) como uma importante contribuição da psicologia social, pois permite “captar as pessoas de carne e osso, com seus dramas particulares, as quais, em relação umas com as outras, os constroem, isto é, captar a intersubjetividade participativa constituinte e constituída” (Sawaia, 1997:151). Dessa forma, o movimento social pode se tornar uma “tribo” para o sujeito, onde se identificará com alguns valores e se apropriará de algumas referências do grupo (Maffesoli, 1995) ou um lugar de bons encontros, no sentido elaborado por Espinoza, onde os sujeitos se potencializam para novas formas conceber e agir em relação ao outro e a si mesmo (Sawaia, 1995, 1999, 2006).

Considerações Finais

O propósito desta pesquisa foi investigar as relações existentes entre os sujeitos militantes e o Movimento Passe Livre, considerando-as constitutivas do/pelo sujeito em movimentos de totalização, que se fazem sempre abertos e inacabados. Buscamos analisar os processos da constituição deste sujeito que, de alguma forma, significa a participação política como algo atrativo ou importante para sua existência, concretizando este interesse em práticas políticas. Por outro lado, visamos estudar de que maneira a participação neste movimento media a

⁴ Neste momento da entrevista, a militante Bianca se refere ao fato de que há três anos o MPL se reunia todos os sábados a tarde.

constituição deste sujeito, investigando as contribuições que possibilitam inovações subjetivas e objetivas destes militantes. Tendo em vista a complexidade das relações existentes entre o sujeito e a participação política, este estudo contribui com alguns olhares que possibilitam compreensões acerca deste fenômeno sem, contudo, esgotar as análises do MPL, e muito menos desta temática, já que a realidade é muito mais dinâmica do que os esboços teóricos, caracterizando estes como ensaios de apropriação da realidade, contextualizados subjetiva e historicamente.

Encontramos as mediações familiares como importantes na história de vida dos sujeitos que escolheram a participação política no Movimento Passe Livre. Em alguns casos, o sujeito se identificou por meio da semelhança com a postura política de seus familiares, apropriando-se desta nas atuais práticas políticas de sua vida. Em outro caso, a identificação com os significados políticos compartilhados pela família e/ou as características singulares de figuras parentais (pai autoritário, disciplinador) se enveredou pela diferença, ou seja, o sujeito se apropriou destes significados construindo sentidos que o distanciasse desta postura, criando novas formas de conceber e experienciar a participação política. Há, ainda, o caso em que a mediação das práticas políticas foi, fundamentalmente, afetiva, marcada por um contexto em que a política se relaciona com um processo de alegria e de festa.

As condições objetivas também emergiram nos discursos dos sujeitos que as significaram como importantes mediadoras na construção do interesse pela participação política. Para alguns sujeitos, a situação econômica da família possibilitou que estudasse em boas escolas e universidades, podendo se dedicar integralmente aos estudos e permitindo que tivessem mais tempo e acesso a leituras mais críticas em relação às desigualdades sociais, aos sistemas e acontecimentos políticos, mediando novos olhares em relação ao mundo. Assim, a objetividade se mostra uma dimensão importante na análise da participação política na medida em que desconstrói o discurso subjetivista em relação à mobilização do sujeito que se engaja em lutas coletivas.

A participação política no Movimento Passe Livre mediou novas possibilidades de existência para estes militantes. Para um dos entrevistados, por exemplo, a participação política no Movimento Passe Livre possibilitou novas formas de se relacionar com seus alunos, os quais também participavam ou eram convidados por ele a militarem no movimento. Para este professor, a participação política contribui de maneira significativa para sua prática docente, pois, além de possibilitar uma nova relação com seus alunos, permite complexificar os conteúdos de sua disciplina (História), mediados pelas experiências nas diversas atividades do movimento, em especial, nas manifestações públicas. Conforme o professor, o trabalho em sala de aula enriquece substancialmente quando este contexto é constituído por pessoas que participam politicamente em alguma atividade.

Para todos os sujeitos entrevistados, a participação política neste movimento possibilita aprendizagens, experiências, leituras e práticas em relação ao mundo e a si mesmo, não ou pouco encontradas em outros espaços e relações da vida. A participação política foi fortemente significada como uma mediadora de novas possibilidades do porvir de cada um, seja na forma de transcender a visão individualista hegemônica na contemporaneidade, seja na possibilidade de se sentir acolhido por um coletivo e potencializado por este, construindo um sentimento de poder, e fazer, o diferente em suas práticas cotidianas. Tais práticas estão relacionadas a si mesmo e a uma alteridade, nas inovações de apropriação do mundo, por

meio dos estudos e discussões realizadas pelo movimento, referente ao sistema de transporte, aos acontecimentos políticos, aos direitos humanos, à cidadania, aos fatos históricos, dentre outros. Tais práticas da participação política também estão relacionadas à criação de novas formas de se relacionar com o outro – família, alunos, amigos, namorado – mediadas pelos (des)encontros desta participação política, marcando movimentos de democratização, politização e conflitos na esfera da intimidade.

As análises terão que parar por aqui, mas o movimento dos sujeitos que circulam no Passe Livre continua, assim como o trânsito de outros sujeitos em outros movimentos sociais e lutas coletivas, demandando novos estudos e olhares teórico-metodológicos que venham a contribuir para a compreensão das múltiplas “catacras” que estamos submetidos, assim como pelos múltiplos saltos que os sujeitos possam, coletivamente, realizar sobre elas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Avelar, Lucia. (2004). Participação Política. Em Lucia Avelar, & Antônio Octávio Cintra (Orgs.), *Sistema político brasileiro: uma introdução*. São Paulo: UNESP.
- Chauí, Marilena. (1995). *Espinoza: uma filosofia da liberdade*. São Paulo: Moderna.
- Gomes, Marcela A. (2010). Relações ético-estéticas e participação política: um diálogo necessário. Em Andréa Vieira Zanella, & Katia Maheirie (Orgs.), *Diálogos em Psicologia Social e Arte*. Curitiba: CRV, 2010.
- Jacques, Maria G. C., Strey, Marlene N., & Bernardes, Nara M. G. (2007). *Psicologia Social Contemporânea* (10ª ed.). Petrópolis: Vozes.
- Maffesoli, Michel. (1995). *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Maheirie, Katia. (1997). Contribuições da psicologia social na análise dos movimentos sociais. Em Leoncio Camino, Louise Lhullier, & Salvador Sandoval (Orgs.), *Estudos sobre comportamento político*. Florianópolis: Letras Contemporâneas.
- Maheirie, Katia. (2002). Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. *Interações*, 13(7), 31-44.
- Maheirie, Katia. (2003). Processo de criação musical: uma objetivação da subjetividade, a partir dos trabalhos de Sartre e Vygotsky. *Psicologia em estudo*, 8(2), 147-153.
- Menezes, Jaileila A., & Castro, Lúcia R. (2006). Vicissitudes da subjetivação política juvenil na contemporaneidade. *Psicologia Política*, 6(11), 13-34.
- Prado, Marco A. M. (2002). Da mobilidade social à constituição da identidade política: reflexões em torno dos aspectos psicossociais das ações coletivas. *Psicologia em Revista*, 8(11), 59-71.
- Sandoval, Salvador. (1997). O comportamento político como campo interdisciplinar de conhecimento: a reaproximação da sociologia e da psicologia social. Em Leoncio Camino, Louise Lhullier, & Salvador Sandoval (Eds.), *Estudos sobre comportamento político* (pp. 13-24). Florianópolis: Letras Contemporâneas.
- Sartre, Jean-Paul. (1987). Questão de método. Em Jean-Paul Sartre. *Os pensadores* (3ª ed.). São Paulo: Nova Cultural.
- Sawaia, Bader B. (1994). Cidadania, diversidade e comunidade: uma reflexão psicossocial. Em Mary J. P. Spink (Org.), *A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar*. São Paulo: Cortez.
- Sawaia, Bader B. (1995). Dimensão ético-afetiva do adoecer da classe trabalhadora. Em Silvia T. M. Lane, & Bader B. Sawaia (Orgs.), *Novas veredas da Psicologia Social*. São Paulo: PUC.
- Sawaia, Bader B. (1997). A legitimidade subjetiva no processo de participação social. Em Leoncio Camino, & Louise Lhullier, & Salvador Sandoval (Orgs.), *Estudos sobre comportamento político*. Florianópolis: Letras Contemporâneas.
- Sawaia, Bader B. (2006). Introduzindo a afetividade na reflexão sobre estética, imaginação e constituição do sujeito. Em Sílvia Zanatta da Ros, Katia Maheirie, & Andréa Vieira Zanella (Orgs.), *Relações Estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos e(em) experiência* (pp. 85-94). Florianópolis: NUP/CED/UFSC.

- Sawaia, Bader B. (1999). Comunidade como ética e estética da existência: uma reflexão mediada pelo conceito de identidade. *Revista Psykhe*, 8(1), 19-25.
- Spink, Mary J. P. (2007). Pesquisando no cotidiano: recuperando memórias de pesquisa em Psicologia social. *Psicologia & Sociedade*. 19(1), 7-14.
- Vygotsky, Lev S. (1992). Pensamiento y palabra. Em *Obras Escogidas II*. Madrid: Visor Distribuciones.
- Vygotsky, Lev S. (1991). El significado histórico de la crisis da la psicología. Una investigación metodológica. Em *Obras Escogidas I*. Madrid: Visor Distribuciones.
- Vygotsky, Lev S. (2001). A educação estética. Em *Psicologia pedagógica*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotsky, Lev S. (2004). *Teoría de las emociones*. Madri: Akal.

- Recebido em 30/01/2010.
- Revisado em 13/09/2010.
- Revisado em 24/03/2011.
- Aceito em 25/04/2011.